

**QUARTA-FEIRA**  
Lisboa--16 de Julho--de 1930

**5 TOSTÕES**

**5.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**217**



sempre  
**fixe** semanário  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA G**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57



Do concurso das «Figuras históricas» do papá «Diário de Lisboa» ficará na história a brilhante figura que Silva Tavares está fazendo com os respectivos versos. A cantar figuras da raça é um Poeta de raça que roça pelo genio. Ele aí fica, feito D. Denis, o rei-poeta, o que é pouco para as admiráveis rimas da sua «lavra».



## Os ditos da semana



**Schiu! Calte Ja!** Em Penacova foram multados dois individuos por andarem a assobiar de noite pela rua.

É o que se chama uma medida que faz honra a Penacova e a põe a par das grandes capitais, onde as auctoridades zelam pela tranquillidade do sono dos cidadãos.

Quando aquella noticia fôr lida lá fóra, o estrangeiro fantasiará Penacova uma grande cidade, com largas Avenidas, e uma vida intensa de trabalho e de divertimentos, repousando dum dia de labuta, sob a guarda de uma policia modelar, que, de *casse-lete* em riste, se lêda verticalmente posto na boca, na atitude em que se impõe silencio, grita aos noctívagos estroinias.

Schiu! Caluda! Deixem dormir estes dois milhões de almas.

Parece que não é a primeira vez que a noticia, atrada assim, é enviada para as Americas, onde dar exolendidos resalta los taristicos.

E nos a julgamos que, em Penacova, depois da noite o assobio era livre...

Tomou então esta resolução energica: contratou bacilos a seco e enviou-os nas azas dos mosquitos, o que nos vem dar a certeza de que tambem no ceu se acha muito desenvolvida a aviação.

**Surras** Duas mulheres, ambas moradoras no beco do Surra, foram parar ao Torel, ao gabinete do sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, para serem ouvidas acerca de insultos mutuamente proferidos. Quando estavam sendo interrogadas, envolveram-se á pancada e ainda por cima insultaram aquele magistrado. Como era natural, foram parar ao calabouço. E

tudo isto por não saberem proceder de harmonia com os locais onde se encontravam. Só por isto. As boas mulheres do beco do Surra não compreendiam que o Torel é o local onde apenas se deve falar e o beco do Surra o lugar proprio para a surra que desejavam aplicar uma a outra. Erro de direcção apenas.

**O calor** Lisboa anda de lingua de fóra. Na rua não se pode parar ao sol, sob pena de nos derretermos com calor, com a mesma facilidade com que as mulheres derreteram os vestidos e veem para a rua em trajas menores, sem se lembrarem que

Adão não teria caído na esparelha de comer a maçã se a mãe Eva se não tivesse posto a fazer-lhe gaifonas com ela, no Paraíso. Olhos não veem coração não pena.

Já que não é possível pôr um toldo sobre a cidade, nem fazer brotar caramanchões pelas praças e avenidas, a policia devia intervir para que as senhoras não viessem aumentar os nossos calores com as suas frescuras. Não ha direito, que é como quem diz não ha outra coisa, porque elas tambem se julgam no seu direito de se despirem.

Abata-se e nem sempre se pode butar.

O que vale a esta população ressequida é sair de casa á hora canicular do meio dia e ir estender-se á sombra das arvores frondosas do Parque Eduardo VII, onde os passarinhos chilreantes não morrem de insolação porque tem o cuidado de se vir esconder nos beirais das casas da Avenida.

Mas no Parque está se muito bem. Sombra de arvoredo e perfume de flores. Ha quantos anos Lisboa suspirava por um cantinho assim, onde pudesse espojar se no verão! Custou mas sempre veio. E ainda ha palermas que clamam em altos gritos:

— Nós tambem queremos um lugar ao sol.

A isto costuma responder o sr. Quirino da Fonseca.

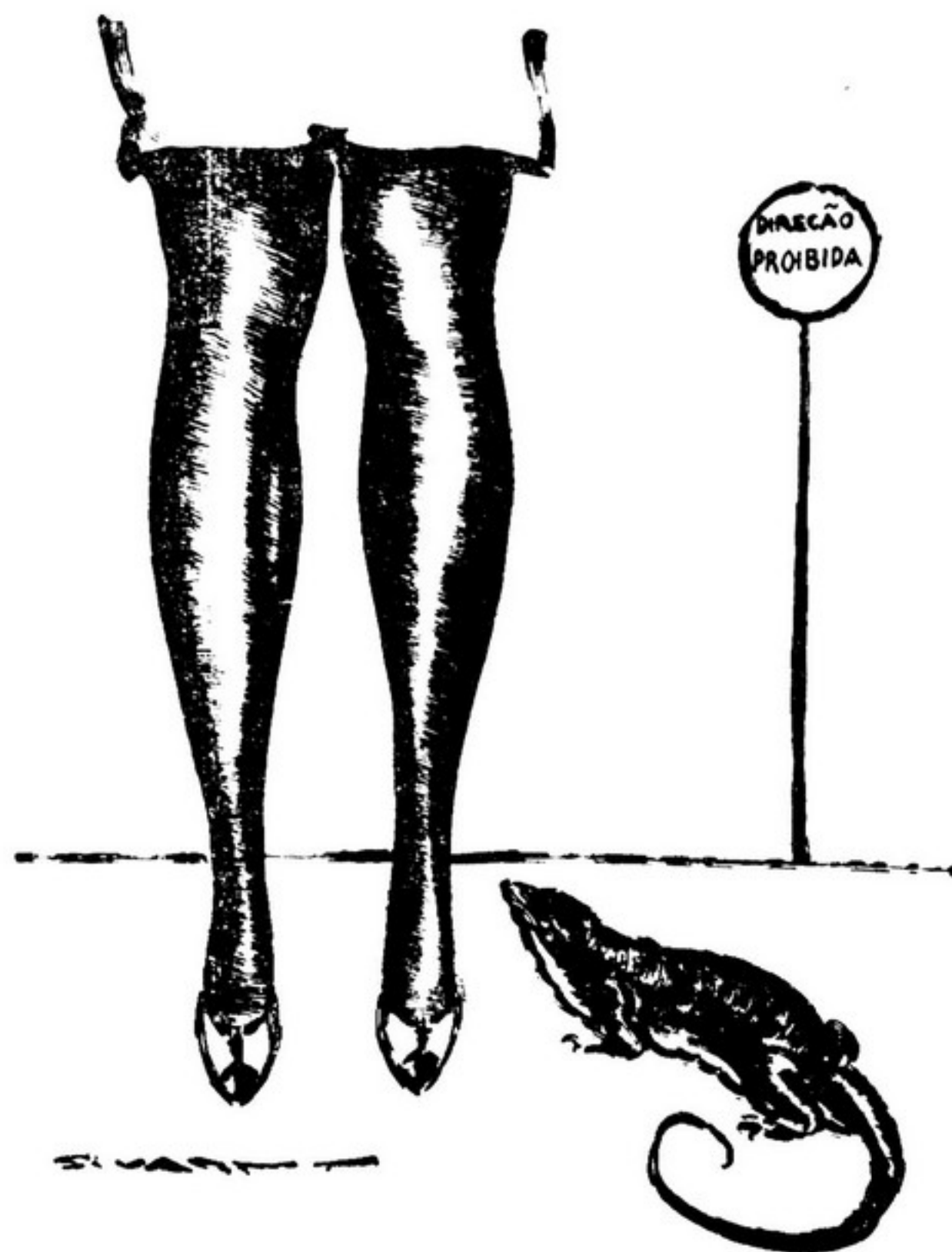
— A Camara não deseja fazer sombra a ninguem.

**Magnesia** Da casa Gimenez Salinas & C.<sup>a</sup> recebemos um presente de «Magnesia S. Pelegrino», preparativo italiano que além de purgativo, cura as más digestões, as dores de cabeça, os amargos de boca, a lingua suja, as flatulencias, a azia, os arrotos, etc., etc. Não podemos dizer que provamos e gostamos, porque não tivemos necessidade de recorrer ao maravilhoso preparado, mas, quando nos fôr necessario, dele lançaremos mão e então diremos da sua obra.

**Perguntas sem resposta** Porque é que as senhoras, no ano passado, só tinham calor nas pernas e este ano só o sentem nos braços?

Para que é que se paga contribuições?

## Por onde é o caminho? ...



-- Direcção proibida? Aquilo não se entende comigo com certeza.

**Mosquitos** Dizia-se que não, mas afinal overão sempre chegou e sabe-se agora que a sua demora foi para se fazer acompanhar dum regimento de mosquitos. É a primeira vez que tal acontece.

O peot é que os mosquitos, onde caem, propagam uma especie de febres que tanto podem ser palustres, como tificas.

O facto tem causado certa estranheza mas o *Sempre Fixe* que tudo sabe, que tudo vê e que tudo explica, vai pôr as coisas em pratos limpos. Trata-se apenas de mais uma demonstração publica do poder de Deus e os mosquitos não são mais do que os seus agentes.

Anteamente quando a furia divina queria manifestar-se, enviando os seus flagelos sobre a humanidade pecadora, os meios eram outros. Era, por exemplo, um regimento de bacilos da febre tifoide na agua da Companhia e agente bebia em cada litro de agua um milhão de bichezas daninhas que nos provocavam a febre.

Mas acabou-se a materia prima.

Os contadores já não pingam. E Deus Nosso Senhor viu-se sem meios de transporte para os bacilos.

# TEATRO

«RETROZ PRETO...»

ANTONIO SOARES

OS teatros estão todos a fechar. Será falta de agua ou falta de espectadores?

CONSTA que o escritor teatral Lino Ferreira embarca para o Brasil.

Lá vamos ficar sem revistas!...

A COMPANHIA Adelina-Aura Abranches, que tem andado na provincia, vem passear o verão a Lisboa, no teatro Avenida.

Queira Deus que tenham «aragem».

A «PREMIERE» da «Terra de Ninguém» foi duas vezes adiada. Nem por isso perdeu nada! O «raid» da estrela foi coroado do melhor resultado.

CONSTA que a actriz Beatriz Costa em virtude de ser muito parecida com a star Louize Brooks se vai dedicar ao cinema.

Ficamos á espera do primeiro beijo sonoro...

CARLOS Leal interpreta o «Zé Pelintra» na *Salada de Alface*.

Agora é que é ocasião do popular actor pedir á empresa aumento e ordena-lo!

A COMPANHIA Hortense Luz terminou a sua temporada no Trindade.

Agora vai de abalada para o Brasil. Que tudo seja pelo melhor! Melhor... do que em Lisboa.

XAVIER de Magalhães está escrevendo uma revista intitulada *O Rei do Petroleo*.

Será da Vacuum Oil Company? Mesmo que não seja, podemos garantir a pureza do iluminante... e a duração.

O CHABY Pinheiro vai passeiar até ao Brasil. Mas, afinal, quando é que ele trabalha em Lisboa?

E já o querem levar para o cinema! Estamos perdidos! Derretemos o Chaby e ficamos sem ele...



Um pintor de talento que faz scenografia moderna. Basta vêr os seus belos scenarios para se perceber que ele está por detraz da cortina.

## SCENAS DA SCENA

### O PATRIOTA

José Rosa estropeou-se, com sucesso deveras inulgar.

O publico, indesejo de começo, não soube o entusiasmo dominar. Dentro do Coliseu, vibrou, então, uma salva de palmas colossalt... Houve nervos, momentos de emoção, e surpresa geral...

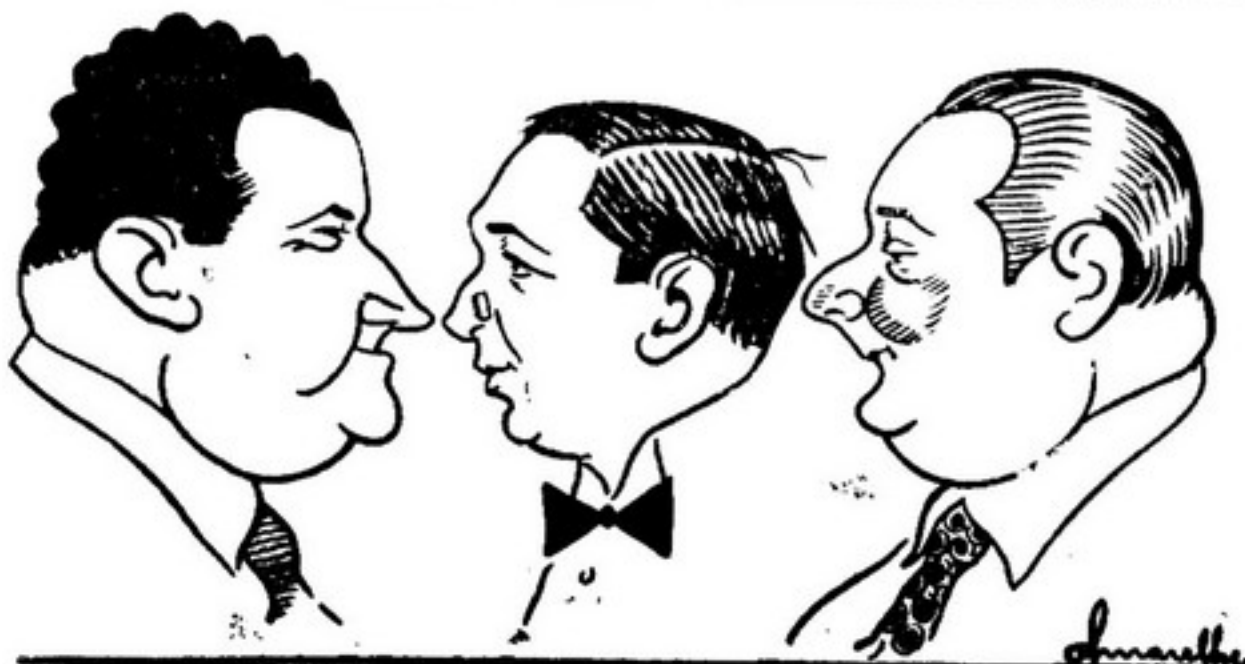
Dominava o silêncio. Era irritante o mínimo rumor.

Nisto, passa um mau cheiro, penetrante,

pelas primeiras filas... Um fedôr!

Ha quem disfaree o incómodo que sente, perante a voz de divinal magia, ma certo espectador, portuguesmente, não se contém e diz:—Que porcaria!... E então, ao lado, um outro que não vê razões p'ra aquillo, pois não deu p'lo cheiro, vira-se e clama:—«Porcaria o quê?!... Se calhar ha melhor lá no estrangeiro!...»

SILVA TAVARES.



Xavier de Magalhães, Lourenço Rodrigues e Alvaro Leal, autores da revista «Senhor da Serra», que tão espiritualmente trataram do Concurso das Adivinhas do Papá. Entram em scena quando a revista sae.

ACABOU o desafio da Bola. A Cigarra já não canta e a formiga deixou de encheirar. As duas revistas cumpriram o seu dever, com certo esforço, mas cumpriram.

Quando uma revista morre, logo outra nasce. A's vezes quadro a mais, numero a menos, são a mesma colsa, mas como os títulos são diferentes parecem novas. Esperemos agora as que se seguem. Talvez sejam mais felizes!

O AMARANTE, que está no Brasil, quando regressar a Portugal, val direitinho ao Porto, com a Companhia. Desembarca em bom... porto!

DIZ-SE que a *Flôr do Bairro* só será representada no proximo inverno.

Ainda bem! Com este caôr era capaz de murchar! Assim, com as primeiras chuvas temos a certeza que ha de desabrochar e triunfar.

O AUTOR da *Grande Parada*, associado, está escrevendo outra revista para o Variedades, não que aquela esteja a fraquejar, mas como prénio do exílio que ela alcançou.

Digam lá agora que os novos não triunfam?!

NO COLISEU dos Recreios tambem se canta o fado. A Madalena puxa da garganta algumas notas do *Choradinho* que fazem delirar a geral.

E é uma geral de aplausos que nunca mais acaba.

A ACTRIZ Ilda Stichini continua a trabalhar na provincia. A actriz Ester Leão tambem por lá tem andado. Não se podiam juntar, formando uma Companhia que representasse em Lisboa?

Impossivel! Seria mais facil ligar o fogo e a agua...

MAIS uma revista: Viva a vida! Pois que viva, mas que seja boa! Vivinha a saltar, como a sardinha!

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Quer a sorte grande?  
HABITUE-SE na tabacaria MADRID  
Rua do Mundo, 115

# Questão de tempo



— De que vocês podem estar certos é de que eu sou um homem de bem, um homem honrado!  
— Desde quando?!

## Graça dos outros

A criada — Lamento ter que lhe dizer que o patrão não está em casa...

O visitante — E porque lamenta dizer-m'o?

A criada — Porque não gosto de mentir!...

\*\*\*

— A que te dedicas agora?  
— A angariador de anúncios!  
— E porque levás esses livros de baixo do braço?  
— Motivo profissional! São umas obras de D'Annunzio...

\*\*\*

— Podíamos fazer os dois um vô para bater o «record» da permanência no ar!  
— Perfeitamente! Tu, voarás; e eu arrancarei as folhas do calendário...

\*\*\*

— Que luxo! Viste a Joana? Cada dia põe um chapéu diferente! Não me admira! Como tem nove irmãos...

\*\*\*

— Luisa descreveu-te o seu vestido novo?

— Completamente, não; porque passou a tarde só comigo...

\*\*\*

A mãe — Porque choras o teu irmão, Jese?

O filho — Não queria aprender nada! Pôs-se a chorar, quando eu estava a ensiná-lo a comer os caramelos que o pai nos deu...

\*\*\*

Entrevistando Pola Negri:

O reporter — Dentro de quanto tempo pensa visitar o México?

A «star» — Dentro de 20 divorcios...

\*\*\*

O freguês — Ontem, você levou-me mais cinco centavos no quilo da manteiga...

O merceiro — Não me recordo!

O freguês — Pois que minha mulher não saiba, se não quere ter algum desgosto...

## O morto vivo

Xavier Consolado era um destes maridos predestinados e ingénuos cuja vida é um pendulo entre a boa fé e a fortuna.

— Todavia, mordido, um dia, por certa duvida, e querendo de «visu» testemunhar até onde ia a dedicação e o amor da consorte, lembrou-se Xavier de se fazer passar por morto, para o que, previamente, applicou a si uma celebre receita indiana que o tornava rigido e frio como um cadaver.

Uma vez preparado com esse afamado e infallivel especifico indiano, o nosso Xavier Consolado «morreu».

Imovel e frio como um autentico morto, mudo e rijido como uma pedra, mas sentindo e ouvindo tudo, absolutamente tudo, Xavier foi levado para a camara ardente, entre os soluços e lagrimas da inconsolavel esposa.

Panos negros, tochas, flôres, corôas, fumos e crepes, parentes e amigos a chorar, e, no caixão, hirto e pallido, Xavier continuava «morto».

Vinha-se aproximando a hora do saimento. As flôres, em profusão, cobriam o corpo de Xavier. A «viuva» não abandonava nunca o corpo do marido. Chorava, chorava sempre. A sua attitude contrangia os assistentes, e, em especial, o pobre Xavier, que estava já por demais convencido da sincera dor da sua estremosa consorte.

E, então, apanhando-a a jeito, a sós, Xavier tomou a decisão de ressuscitar.

Sentou-se, de repente, sorridente e esperto, no caixão, e procurou oscular a sua mulhersinha.

Esta, surpreendida, mas sem o mais leve sinal de terror pelo despertar do «morto», evitou que a gente que ali estava desse por esse estranho caso, e, a convencer o marido, disse-lhe, com ternura:

— Tem paciência, filho... Agora tens que morrer... já estão as despesas feitas...

PIG-MEU.

# Estão os dois mortos

O illustre comerciante da nossa praça Anastacio Salema, que em Dezembro de ha três anos festejava os seus 66 anos, a vespera do Natal, e o primeiro aniversario da sua bôda, com a mais encantadora mulher, a Margaridinha, que em Abril do ano proximo ha de comemorar as mais lindas 28 primaveras, vivia na mais lisonha das felicidades conjugais.

Ha dias, porém, recebeu no seu escritorio uma carta que, embora anonima, o informava detalhadamente do porte menos correcto de sua esposa com um empregado bancario, pondo-o ao facto de que, aproveitando as suas ausencias no Porto, onde ia todos os meses, com demora dalguns dias, em negocios, sua esposa recebia a sua visita.

Tinha Anastacio Salema uma confiança cega na esposa, pois nunca a mais leve cousa o fez suspeitar da infidelidade da sua Margarida, durante os quatro anos que já eram casados, razão porque pensou em não dar credito a semelhante anonimato.

Todavia, quiz fazer uma experiencia, e, naquela noite, ao regressar a casa para jantar, informou a sua Margaridinha—nome como a tratava na intimidade— de que, na manhã seguinte, sairia mais uma vez para o Porto, noticia que sua mulher acolheu entre os costumados lamentos por ficar só e por Anastacio a não levar.

Preparou as malas e, no dia seguinte, saiu para tomar o comboio, procedendo, porém, como procedem todos os maridos nas condições dêle; á noite, regressando a casa, deparou com sua mulher deitada, na cama conjugal, com o outro.

Como não desejasse fazer escandalo por causa da vizinhança, segundo dizia, convidou sem alarido o amante de sua mulher a vestir-se e a retirar-se, dizendo-lhe que, em breve, lhe enviaria as suas testemunhas, abandonando, de seguida, a sua casa e Margarida.

Três ou quatro dias se passaram e se o clume o minava o receio das consequencias de um duelo não o traziam menos preocupado, pois nunca pegara em armas

que não fossem as suas—as de caça.

— Ontem, achou uma grande solução para o conflito e no mesmo instante procurou o seu rival a quem disse o seguinte:

— Batermo-nos em duelo não é solução, porque o Destino poderá fazer desaparecer do mundo aquele que Margaridinha mais ama, de modo que venho propôr-lhe para irmos a minha casa e fingirmos que nos matamos um ao outro. Margarida, ao deparar com os nossos corpos estendidos no chão, julgará que estamos mortalmente feridos e, num rebate de consciencia, agarrar-se ha aquêle de que mais goste. Se fór a você que ela se agarre eu retirar-me hei com o compromisso de não perturbar a vossa felicidade; se se der o inverso, você procede igualmente.

Escusado será contar-vos que o outro achou optima a proposta, já porque não estava disposto a bater-se em duelo por uma aventura galante, já porque compreendeu e bem o nosso Anastacio, dando igualmente a sua palavra pelo compromisso.

Tomaram um taxi, que rodou, veloz, até a casa do Anastacio.

Ao entrarem no quarto de dormir depararam com Margarida vestindo apressadamente um robe e, compondo os cabelos em desalinho, mostrando-se bastante preocupada.

Uma ligeira inclinação de cabeça foi o cumprimento de ambos para Margarida. Anastacio, com a voz solene dos grandes momentos convidou-a a retirar-se, ao que ela acedeu e, mal ela transpoz a porta, fechou-a.

Prepararam tudo como haviam combinado e dois tiros ecoaram. O silencio que então se fez foi rapidamente quebrado pelo barulho de abrir de portas e o grito horroroso de Margarida, ao deparar com os dois corpos estendidos no chão.

Vacila nos primeiros momentos e depois, livida, corre apressadamente até á cama e, baixando-se, grita:

— «Sái, sái depressa José, antes que venha alguém. Estão os dois mortos...»

MANNISSALCUS.



— O cavalheiro não pode ter o seu automovel aqui parado.  
— Adulador...

# A pesca na Costa do Sol

Tive já ocasião de vos pôr ao facto do papel de confidente que desempenho junto daqueles dos meus amigos a quem a cega fortuna tornece as notas bancárias indispensáveis para se poder conjugar, no indicativo presente e no pretérito perfeito, o verbo «ir para fora». Eu por mim, só o conjugo no futuro e no condicional. Essas confidências vinham impregnadas em geral dum sabor a escova, que tornava difícil a sua deglutição; e contei-vos, por contraste, um caso que constituía excepção a regra, pois que era uma sincera confissão. Queria hoje contar-vos outro, do mesmo genero, passado no mesmo sitio, mas com o suplemento de se ter passado com um amator e maníaco da pesca, que em tudo vê peixe. Basta dizer-se que foi passar o verão ao Estoril para... pescar!

Mas eu conto:

O meu amigo Antonio Peixoto Sardinha (começa pelos apelidos) só tem, verdadeiramente, um motivo de desgosto na sua vida: não ter nascido com guelras e barbatanas, em vez de pulmões e braços. Sabe etiologia a fundo, só come peixe, passa horas esquecidas sobre um rochedo, segurando uma cana donde pende um cordel, e já uma vez tentou domesticar um pequeno tubarão com o fito de o converter em guarda da sua quinta, substituindo com vantagem qualquer «Serra da Estrela». Infelizmente, succedeu ao pobre animal o mesmo que ao cavalo do Ingiês: quando estava quasi desabituaado da agua, morreu.

Pois o nosso Peixoto, em agosto ultimo, emmalou os seus apetrechos de pesca e foi para o Estoril. Agora, á volta, lá o encontrei no café, e vá de recolher impressões.

— Nas aguas turvas, meu caro...

— Eu bem te disse que aquelas aguas não eram muito piscosas...

— Qual! São até piscosas de mais! Fazem piscar os olhos a toda a gente. E' catrapiscadela por essa prala todo o santo dia!...

— Não é isso! A respeito de peixe...

— Também, meu caro, e do bom! Muita menina estilo *enguia*, mas também cada *peirão*! A proposito,

deixa-me contar-te uma aventura. No primeiro dia que fui á praia comeci por examinar quella lá estava. Notei logo muitas das tais meninas, á procura de um *coelho*, isto é, de um *coelho* com algum *coelho* que lhes morresse a *leza* e caisse na *leza*. Mas a *leza* á *leza*, appareo um dos tais *peixes*, que eu fiquei logo entusiasmado. Era uma perfeição. Apesar de ser bastante *mamifera*, nada tinha de *balca*, podendo antes classificarse como uma tentadora *serena*. E' claro que lhe fiz logo o *coelho*. Notei então que ella tinha uma corte assidua de jovens *golfinhos*, e que, além disso, lhe seguia a rasteira um *tubarão* ricoço e obeso. Daí a pouco, consegui ser-lhe apresentado. Apertei-lhe o *bacalhau*, e procurei entabular conversa. Contudo, não desanimei, pois que ella tinha ar de já ter sido *pescada* varias vezes, e, portanto, já sabia esquivar-se pelas *malhas*. Comeci então, pouco a pouco, a substituir a palavra pela acção. Mas avancei demais, e ella, a certa altura, indignou-se. Reconheci que tinha dado *raia*, e fiquei como que *pregado* ao chão. Julgava que já ia lambor alguma *sôlha*, mas ella limitou-se a dizer-me baixo: «Não seja *merilhão*». E mergulhou na agua.

— Mais nada? interrompi.

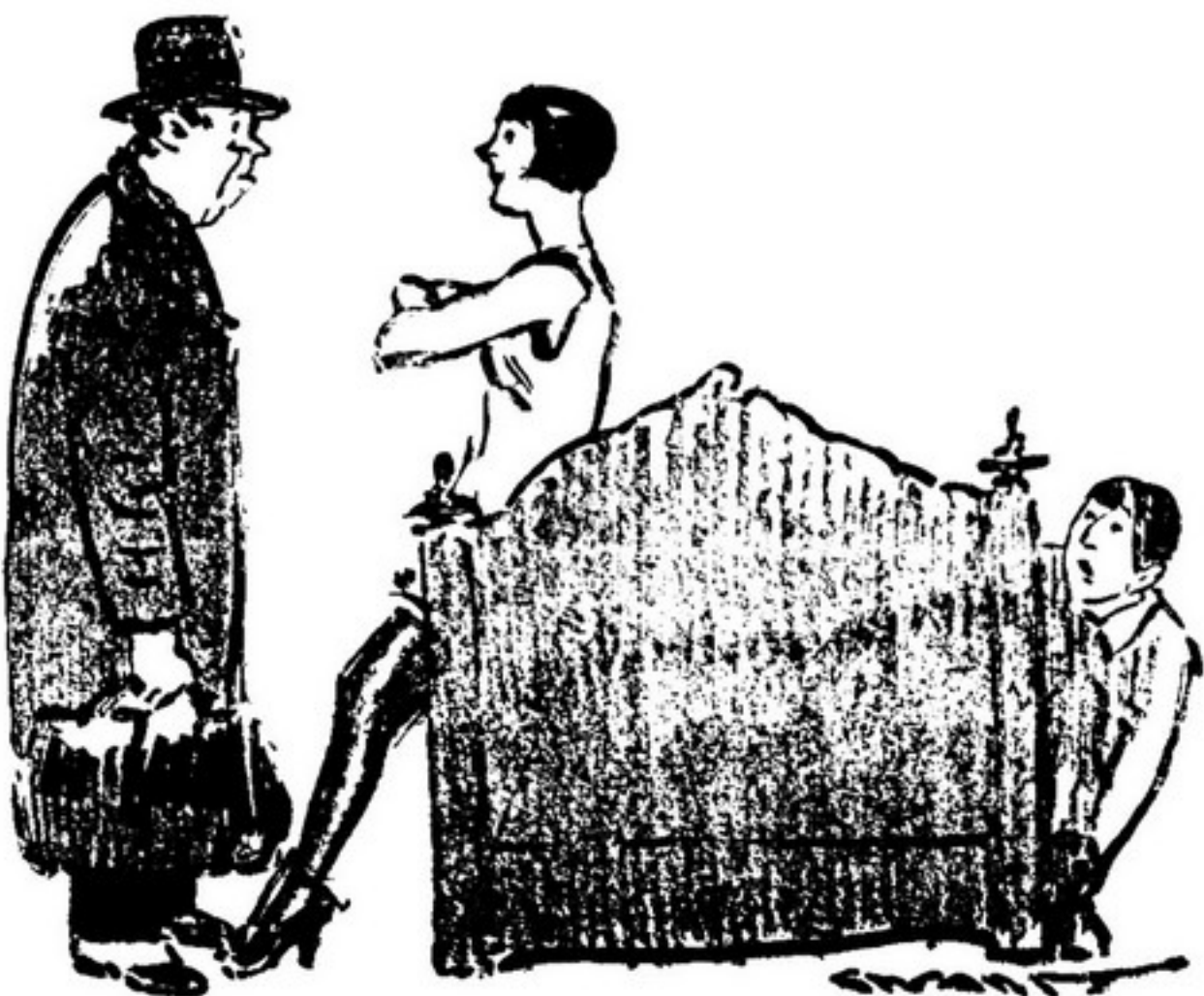
— Até aqui, como vês, os meus progressos foram de *carangueijo*. Mas a *noite vi-a no Casino*. E é claro, reatei logo o fio. Ella estava mais bem disposta que de manhã. Sentámo-nos a conversar. Eu queria oferecer-lhe qualquer coisa, não fôsse ella julgar-me *fôca*. Mas estava teso como um *carapau*, de forma que a minha unica esperança era arranjar qualquer outro *engodo* para a pescar. E na verdade, arranjei um. Lembra-te daquele anel que eu tinha com um *cachucho*? Pois serviu de *isca*.

— E então, conquistaste-a?

— Se a *pescuei*, queres tu dizer. Não, meu filho, comeu a *isca* e... cavou do *anzol*!...

Destá vez também pague, a despeza.

CELIMARNO.



— Outro dia perdeste a carteira, hoje perdeste o combolo!

— E qualquer dia perco a paciência!...

# Questão do tempo



— Um calar destes e vocês ainda cheios de frio!

— Não sabiamos que já estava calor. A creada partiu o termometro!...

## Uma anedota

Uma certa criatura, muito conhecida no meio boémio, tinha, quando mais nova, a mania de surripiar, fôsse o que fôsse, nos «restaurantes», onde ia comer.

Assim, os donos dos ditos, era com espanto que viam desaparecer-lhes, garfos, facas, guardanapos, copos e não raramente um galheteiro.

\* \* \*

Um dia, o nosso heroi, foi almoçar a um bem conhecido «restaurant» da Baixa, e, segundo o seu costume, meteu «á la poche» um guardanapo.

Acabou de almoçar, pediu a conta que satisfez religiosamente, pegou no chapéu e na bengala, e, quando já á pé da porta, disse-lhe o criado que o tinha servido:

— Báia, xenhor Xulio, que leba aí um *górdanapo*.

O nosso amigo, não perdeu a serenidade que lhe foi sempre peculiar, e, metendo a mão á algibeira, tirou dela o guardanapo «bifado», e entregou-o ao môço, estupefacto, dizendo:

— «Toma lá o guardanapo, mas ainda me has de dizer como conseguiste vêr eu tira-lo».

— «Ai c «piôxo», berrou o criado, entonces, nun lebaba dois?

\* \* \*

E o pobre diabo tinha razão, porque o guardanapo a que se tinha referido, era aquêlê que, por esquecimento, o *xenhor Xulio* levava pendurado no colete!...

S. T.

## Elevador da Gloria

Numa casa de musica:

O *patrão* — Parece impossivel! Então você, hoje, só vendeu um solo de pianola?!

A *empregada* — Mas tenha em conta que era uma valsa lenta...

— Quero-te tanto, Maria! Mas tua familia...

— Se me quizeres não repararás nela! O verdadeiro amor é cego!

— Cego, mas não tanto que não veja a tua familia...

O *médico* — Como se encontra hoje?

O *doente* — Quasi morto! Se o sr. doutor dissesse que me tinha matado acreditava piamente...

— Estou indeciso! Não sei se me dedique á poesia se á pintura.

— Eu, no seu lugar, dedicava á poesia.

— Porque, já leu os meus versos?

— Não, mas já vi os seus quadros...

A *criada* — A senhora não é supersticiosa?

A *patrão* — Não!

A *criada* — Felizmente! Então já lhe posso dizer que parti o espelho grande da sala...

A *visita* — Anunciaste-me então como Marquês de Leiria, quando sou apenas Leiria de apelido...

O *criado* — Não é por si, é pela casa...

L'enfant terrible:

— Estou muito contente, Joaquito! Tua irmã disse-me que gostava muito de mim!

— Tem graça! Ontem disse o mesmo ao primo José!

O *médico* — Ha de ser muito difficil evitar que seu marido fale alto, quando dorme.

A *mulher* — Isso não me importa! O que quero é saber o que se pode fazer para êle falar claro...

# LISBOA NUNCA EXISTIU

## OU AS LINGUAS DE FÓRA

Antonio Ferro beijou as mãos de Gabriel d'Annunzio... Reina'to Ferreira inventou as libras de louca... Mario Domingues desapareceu do «Café Chiado» e fez-se mendigo... De modo que eu, se quiser fazer alguma coisa que geito tenha, hei-de procurar assunto verdadeiramente sensacional, e abordá-lo de maneira inédita, fantástica, muito e muito acima das já conhecidas maneiras daqueles, aliás *notabilíssimos*, colegas no jornalismo.

Assunto, e de primeira agua, anda ha muito a *ferver-me* na caixa craniana. Uma «autentica «caixa»! A questão toda é que tenho andado com medo de que o sucesso seja tão grande que me afu-lhem a casa de presentes — e me rebentem com a caixa... Além do que, é feio um jornalista fazer réclamos. Réclamos, só se fôr aos amigos, aos poetas, ás artistas de teatro, aos ministros e a... todos. Ao resto, aos outros, a todos os outros — é feio. Tão feio, que até ha quem diga: Quem quiser réclamos, paga-os a pezo de notas...

Eu, porém, vou romper com tal moda, quero dizer, vou fazer, vou lançar a moda dos réclamos. Primeiro, porque ha muito perdi a vergonha:

Segundo, porque tenho uma queda por tudo quanto seja novo, original: ainda ha dias, ao descê-la, dei uma queda na calçada da Glória; e descendo-a, subi á dita... de não quebrar uma perna...

Vou lançar, nesta reportagem, a moda dos réclamos. Consequências?... Não posso prevê-las com precisão.

Se mandarem qualquer presente — eu nunca eston ausente de casa para o receber... Mas volam lá bem o que mandam!... De vestuário, pode ser um tãto azul, um chapéu

de feltro, uma boa gravata, e, *sobretudo*, umas *lurasinhas*... Automoveis aprecio o Lancel... mento do «vou-lhe p'ra car... av. Mas, como o outro que diz, *fiat nele* e verás o choque que apanhas... De bijoute-fias, prefiro um *poupée* do Chiado, não dos que estão nas montras, dos verdadeiros, mas dos outros, dos que estão muito bem imitados,, e passeiam na *montra* do Chiado... E, de doces, gosto muito de *tocinho*, que é a unica coisa que eu gosto do céu: de *bolachas*... de mantelga, que são uma espécie de pancadinhas... de amor; de *trouxas*, que andam p'rai aos *pontouxas*, que andam p'rai aos *pontapés*; e de amendoas... das *francesas*, que é pena serem tão caras: de vinte a duzentos escudos. Mas são lindas e boas. Ao menos, fica a gente satisfeita por dois ou três dias...

\*\*\*

E, afinal, com esta coisa dos doces, e dos automoveis, puz-me a correr, a correr, a correr... e ia-me esquecendo da tal formidável reportagem. Pois vamos a ela, que eu quero mostrar ao Antonio Ferro, e ao Reinaldo Ferreira, e ao Augusto Pinto,, e ao Mario Domingos — como é que se... não faz uma reportagem. Atenção! Eu vou provar que Lisboa não é Lisboa! Anh?... Estou a vêr o pasmo daqueles colegas, dos leitores, das leitoras, da policia, dos gatos e dos *nacionalistas* integrais. Estou mesmo a vêr a sua natural desconfiança. Mas tenham paciência! A minha afirmação é uma verdade *integral*. Não *integral*, que é um dogma *in-sofismarel*, isto é, *in-sofismas*, em *sofismas*, só em *sofismas*... E a prova desta minha afirmação — está

em eu ir *provar* (parece-me que já crevi acima que gosto muito de doces...) que Lisboa não é Lisboa. Eu vou provar! Façam favor de tomar, portanto, muita atenção!

\*\*\*

O turista estrangeiro — quasi sempre tipo de patêgo milionario, mãos e rosto cõr de cenoura, pés do tamanho da légua da Povoá... chega a Lisboa, o país do sol, por uma manhã de chuva e nevoeiro... Chega a Lisboa, — e chama um *chauffeur*, e mete-se no *taxi*, e manda rodar para o hotel... O hotel, á falta do *Palace*, do sr. Alexandre de Almeida, tem de ser o *Europe*, o *Metropole*, ou o *Frankfort*... O estrangeiro almoça. Almoça *poisson*, *poulet*, *compote*... E depois sai. Compra um *melior*, admira os telhados do Rossio, vai ao *Suiço* beber um café... Torna a sair. Torna a meter-se num *taxi*... Vai dar uma volta pela cidade. E vai lendo surpreendido: *Maxim's*... *Tivoli*... *Cortebert*... *Salão Neuparth*... *Bristol Club*... *Old England*... *Golden-Palace*... *Lisbon Royal Cine*... *Jansen*... *Splendid-Pension*... *His Marter's Voice*... *A Brasileira*... *Restaurante Rome*... *Livraria Bertrand*... *Trianon Palace*... *Shering*... O estrangeiro, sorrindo, manda parar o *taxi*, paga, vai tomar *tea* ao *Rendez-vous des Gourmets*... Sai. Compra meia dúzia de camisas na *Maison de Blanc*... Volta ao hotel, ao *Metropole* ou ao *Frankfort*... Janta. E torna a comer, conforme o *menú*, *poisson*, *poulet*, *salade*, *gâteaux*, *compote*... E torna a beber *bourgo-gne*, *Whisky*, *champagne*... E, em cidoando estalos com a lingua, — bebe um, dois, três, quatro cálices de... *Port-Wine*... Depois vai ao teatro. A escolha não é difícil. Se se trata

de um espanhol, vai vêr *Verbena de la Palomas*, com *Rajaela Haro*; se dum italiano, *Lucia de Lammermoor*, com *Lina Paglinghi*, *Cristy Solari* e *Mario Albanese*; se dum americano, *O processo de Mary Dugan*; se dum brasileiro, *O outro André*; se, finalmente, dum francês, — pode ir vêr qualquer das outras peças... A' saída, — um *taxi* e um café na *Chic*... E o nosso homem, batidas já as duas horas, entra no *Maxim's*... Dá duas voltas pelo *Dancing*, bebe uma garrafa de *champagne*, vai até ao *fumoir*, volta ao *dancing*, bebe outra garrafa de *champagne*, — e sai com uma *papillon*... E, noite alta, em seu *appartement* do *Metropole* — sôinha com Paris ou Nova York, com Roma ou com Moscovo...

\*\*\*

No dia seguinte, o estrangeiro toma o *Sud*... E desaparece por muito tempo — ou para sempre. E, quando ele não é parvo de todo, escreve nos jornais de seu país que nós somos parvissimos... E a frase corre mundo... E nós, todos nós, se porventura recebemos correspondencia do estrangeiro, da Italia ou de Inglaterra, principalmente da França, centro da cultura mundial, — temos que nos acostumar a recebê-la assim: «Monsieur F. — Lisbon — Eragore»... Quanto ao *fulano*, do nome ou dos nomes, é uma desgraça. Ainda ha dias recebi uma carta endereçada a «Monsieur Arre Vais de Carre»... Como quem escreve: «Arre que só vou bem a puxar a um carro!»... Quando, como os leitores decerto compreenderam, o homem queria mui simplesmente escrever:

D. ARVASDECAR.

### Anibal Nazaré



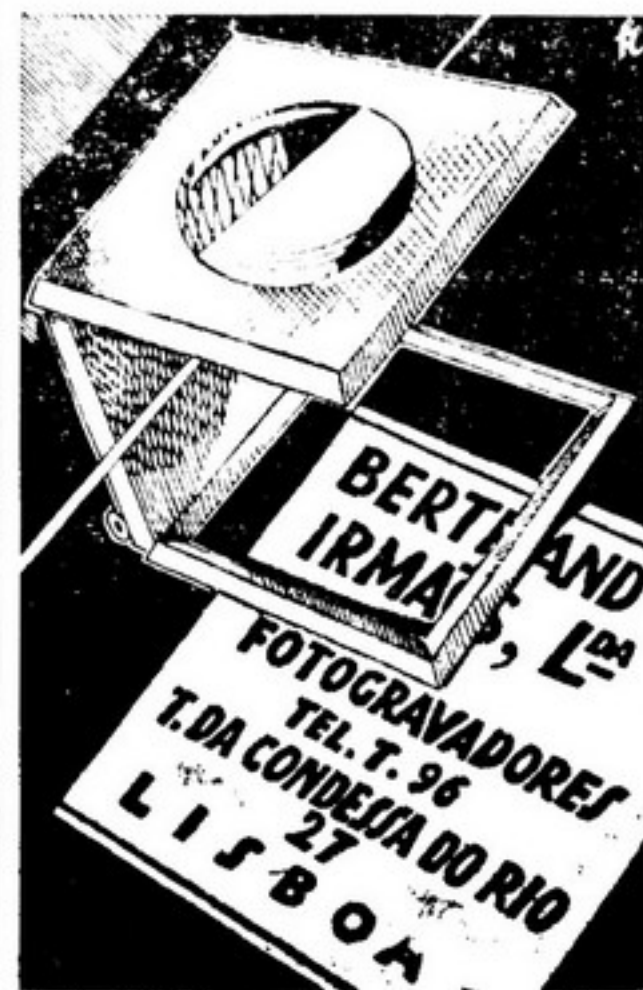
Nosso colaborador e autor da es-pirituosa Revista a Grande Parada, que é revista mas não é parada, porque o publico não faz senão entrar e sair na Variedades.

### Festa interrompida

Como é desagradavel perturbar uma reunião elegante e sair apressadamente sob o olhar inqueridor de todos! Mas o peor são as dores, a tensão o baixo ventre e as pontadas na região lombar. Note-se, entretanto, que as molestias das vias urinarias não são apenas incomodas e dolorosas, são igualmente perigosas. — Não permita que ellas se instalem no seu organismo: faça uso, a tempo, dos excelentes

### Comprimidos de Helmitol

que desinfectam a urina e as vias urinarias e removem rapidamente qualquer disturbio. Quando tomados a tempo previnem com segurança as molestias da bexiga e dos rins.



Sortes grandes?

só o PINA se vende  
75 — Rua de S. Paulo — 77



